

Meandro abandonado da Azenha do Barbeiro



Pedreira da Penha Alta



Falha de Vilar Barroco



Garganta do Zêzere



Meandros do Zêzere



Diamictitos de Admoço



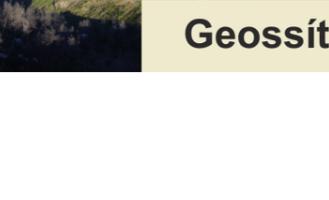
Miradouro do Zebro



Cascata da Fraga Água d'Alta



Discordância Angular do Orvalho



Picoto do Moradal



Minas das Fragas



Cabeço Mosqueiro



Fósseis de Portelo



Geossítios de Oleiros



Advertências

- A entrada nas galerias é desaconselhada devido ao elevado grau de degradação em que se encontram e ao risco de abatimento; o Geopark Naturtejo ou o Município de Oleiros não se responsabilizam por acidentes que possam acontecer;
- Não se devem recolher materiais de escombrelas, nem qualquer tipo de ferramenta ou maquinaria ainda existente, ou utilizar a água proveniente das minas ou escombrelas, pelo risco de contaminação;
- Os edifícios de apoio às minas, como escritórios, armazéns ou oficinas estão em ruína, pelo que não se deve entrar nestes locais;
- A circulação pela encosta das Minas das Fragas do Cavalo é perigosa e desaconselhada, devido à existência de inúmeros poços não sinalizados.

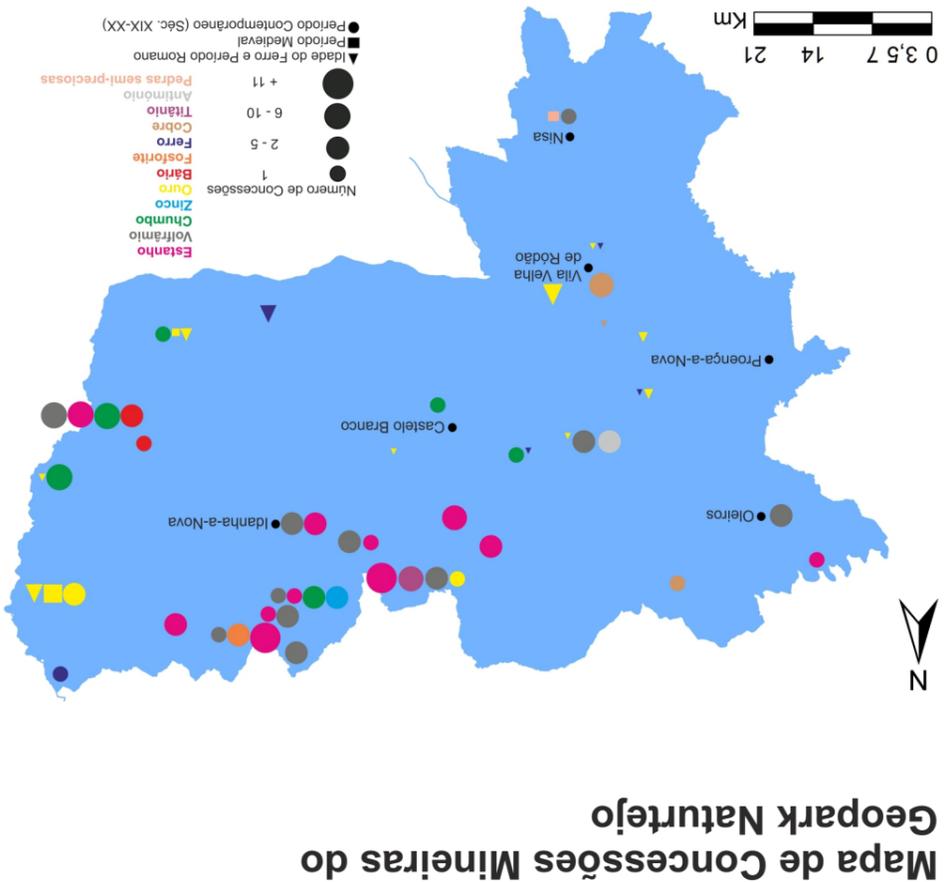
Contactos úteis:

Câmara Municipal de Oleiros Telf. (+351) 272 680 130
www.cm-oleiros.pt
 Geopark Naturtejo Telf. (+351) 707 200 065
www.naturtejo.com
 Posto de Turismo de Oleiros Telf. (+351) 272 681 008
 Centro de Saúde de Oleiros Telf. (+351) 272 680 160
 GNR Telf. (+351) 272 682 311
 Bombeiros Telf. (+351) 272 680 170



Fragas do Cavalo

Património Geomineiro de Oleiros



Património Geomineiro Geopark Naturtejo

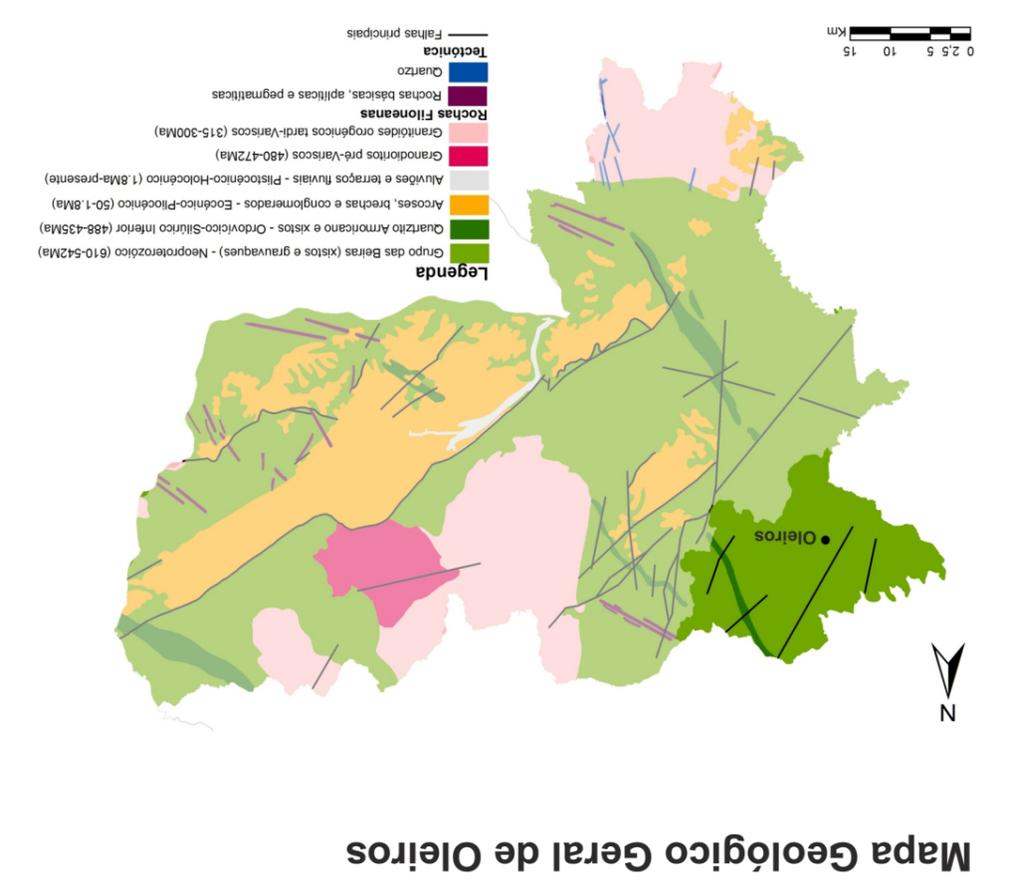
A região do Geopark Naturtejo, que integra a área territorial dos municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Nisa, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, teve 27 concessões mineiras para volfrâmio. No entanto, muitas das 110 concessões mineiras requeridas no território desde 1887 dão notícia da descoberta e exploração de volfrâmio, sobretudo durante a II Guerra Mundial. Estas concessões para volfrâmio distribuíram-se temporariamente entre 1901 e o final das décadas de 40 a 60, período em que praticamente todas as empresas mineiras no território, então em laboração, pediram a suspensão de lavra e o abandono das concessões.

Atualmente, restam fiáveis não explorados na totalidade, grandes ruínas de instalações mineiras, escombrelas, objectos (alguns perdidos) e memórias. Estes locais foram palco de importantes momentos da História Universal, documentando a exploração de um recurso mineral essencial à macroeconomia global durante os conflitos bélicos do século XX, para a qual contribuíram os mineiros e as gentes da região que viveram na primeira pessoa os tempos férteis do volfrâmio em Portugal. Num território em que os vestígios materiais escasseiam e tendem a degradar-se, o Geopark Naturtejo valoriza e preserva o património informal, estas memórias de quem viveu os tempos, de quem ainda não esqueceu as técnicas, de quem encontra os minérios empíricamente, de quem teve de aprender todas as ilegalidades para sobreviver...

Geodiversidade de Oleiros

A paisagem de Oleiros é marcada por montanhas sistintas fortemente recortadas por linhas de água encaixadas em vales profundos, como os surpreendentes Meandros do Zêzere. Estas serranias são abruptamente cortadas pela Serra do Moradal, uma enorme "muralha" na paisagem, constituída por quartzo, que a água também esculpiu, por exemplo nas Cascatas da Fraga da Água d'Alta ou na Garganta do Zêzere. O cume destas montanhas de quartzo e xisto de Oleiros, actualmente a cerca de 800 m de altitude, já se situou no fundo de oceano cheio de vida, revelando a história do planeta nos últimos 600 milhões de anos.

Estas rochas, em especial o xisto, marcam a ocupação humana na região há milhares de anos, desde os antigos monumentos funerários (mamas) e as lajes com Arte Rupestre que se descobrem no alto das serras, até às mais recentes e típicas aldeias com fachadas e muros de xisto.



Contexto Geológico do Volfrâmio

O volfrâmio é um elemento bastante escasso na crosta terrestre, e ocorre geralmente sob duas formas minerais: a volframite e a scheelite. Em Portugal, os seus jazigos aparecem em rochas antigas, associadas a granitos com 310-280 milhões de anos, em filões de quartzo que se instalam na sua proximidade e têm um génesis relacionada.

Os minerais resultam de metais dissolvidos que circulam nos maciços rochosos e que, ao cristalizar em associação com outros elementos químicos, formam minerais. A maioria dos filões de quartzo com volframite apresenta também cassiterite (estanho). As principais ocorrências estão na Bolívia, EUA, China, Rússia, Áustria e Portugal, actualmente apenas nas Minas da Panasqueira, que tem sido um dos grandes produtores mundiais.



Qual a sua aplicação?

A volframite é um mineral de cor negra acinzentado e brilho metálico, com elevada dureza e densidade, que apresenta boa condutibilidade eléctrica, possuindo o mais elevado ponto de fusão entre os metais (3410º) e com boas qualidades mecânicas e térmicas. A sua utilização é vasta sob a forma de ligas especiais, destacando-se o fabrico de ferramentas de perfuração, armamento, filamentos de lâmpadas incandescentes, e ainda aplicações na indústria química. A sua grande procura ocorreu durante a 1ª e 2ª Guerra Mundial para o fabrico de armas dada a sua dureza e resistência ao calor.



Exploração de Volfrâmio em Portugal

Durante a Segunda Guerra Mundial, Portugal foi o principal produtor de volfrâmio, tendo-se mantido neutro ao abastecer tanto os alemães como ingleses. Entre as principais minas, para além da Panasqueira (Covilhã) destacam-se a Borralha (Montalegre), Rio de Frades e Regoufe (Arouca), Montezinho (Bragança), Argozelo (Vimioso) e Vale das Gatas (Sabrosa). Durante os períodos de maior procura aumentavam as actividades clandestinas, como explorações ilegais, contrabando, espionagem, mistura de outros minerais de cor negra (turmalinas ou biotites), roubos, várias actividades paralelas que marcaram a “Febre do Ouro Negro”. De 1906 a 1910 a quantidade de volfrâmio produzido em Portugal triplicou para 1500 ton/ano e entre 1939 e 1944 foram produzidas 31 000 toneladas, correspondendo a 65% da produção europeia. Os principais períodos de exploração foram, sem dúvida as Grandes Guerras Mundiais e a Guerra da Coreia, após as quais estas minas entraram em acentuado declínio.



As Minas de Fragas do Cavalo

Estas minas de volfrâmio foram registadas a 28 de Abril de 1910 por João Cardoso, farmacêutico de Cardigos. As duas concessões existentes, Fragas nº 1 e Fragas nº 2 (situada na vertente oposta, entre Coval Seixoso e Celadinha) funcionaram no seu apogeu até 1920, cruzando-se a sua história com a das grandes minas da Panasqueira. Nessa época, a lavra foi suspensa por falta de trabalhadores, baixa cotação do volfrâmio e consequente baixa procura. No entanto, a 28 de Julho de 1934, os herdeiros Cardoso transmitem os direitos de concessão à empresa J. Costa & Martins, Lda., com sede em Lisboa, por 10000\$00. Retomaram-se os trabalhos em 1939, com a “febre do ouro negro” que varreu toda a Beira Interior. Ainda são impressionantes os trabalhos desenvolvidos ao longo da grande encosta de mais de 150 m de altitude, os mais antigos situados junto à Ribeira, com numerosas galerias distanciadas verticalmente de 20 metros em comunicação com chaminés verticais distanciadas de 30 metros, destinadas à ventilação e ao reconhecimento do jazigo entre dois pisos. Assim, a lavra foi realizada pelo conhecido processo de “degraus invertidos”, aquele de maior aproveitamento para jazigos de pequena possança e elevada riqueza. As bocas das galerias são assinaladas na paisagem por grandes escombros de xisto e quartzo. O minério aparecia disperso na ganga ou em bolsadas de volframite em dois filões principais, de baixa possança, com não mais de 65 cm de espessura. A fragilidade do subsolo era compensada com o escoramento em pinho e rochas arrancadas do interior da terra, que ainda mantêm algumas galerias desobstruídas. As galerias apresentam a típica secção trapezoidal, com 80cm de largura na parte superior, 1,2m na parte inferior e 2m de altura. A existência de muitos filonetes à superfície, de 4 a 10 cm de espessura, ainda hoje visíveis, dita que parte do desmonte passe a ser feito a céu aberto, como o demonstra a existência de trincheiras paralelas à vertente. No outro lado do barranco situa-se o que resta da lavaria e escritórios da mina que, decorrente do caos que se seguiu à Revolução de Abril, foram queimados e saqueados, mas que ainda demonstram bem a importância das minas e as técnicas empregues na sua exploração.

Por pressão das forças aliadas, Salazar é obrigado a decretar o encerramento temporário das minas de volfrâmio em Portugal, que paralisaram as Minas das Fragas a 25 de Julho de 1944. Os trabalhos pararam de vez em 1957, porque as seguradoras se recusaram a fazer seguro ao pessoal em virtude do flagelo da silicose, doença que vitimou um número indeterminado de mineiros desta época, em todo o país. As concessões das Fragas são definitivamente extintas a 1 de Julho de 1992.

Outras minas no concelho de Oleiros

A transformação da paisagem e o aproveitamento dos recursos geológicos em Oleiros terão sido anteriores ao Período Romano. O arqueólogo Carlos Batata identificou algumas minas, de atribuição cronológica difícil, algumas lendárias, como a Cova da Moura do cimo da Serra do Cabeço Rainha. Os trabalhos mineiros chegaram ao século 20 e têm o seu clímax formal associado às duas grandes guerras, centrando-se a acção agora nos vales, em Álvaro, Borralhal e Fragas do Cavalo. Em Álvaro, explorou-se estanho de aluvião nas margens do Rio Zêzere na Barca de Álvaro, entre 1937 e 1944. Deste período restam a memória das empreitadas de lavagem das areias nas “cales” ou “caleiras” e do transporte do minério para Álvaro em cestos ou padiolas. Por aqui também se encontravam “algumas pepitas de ouro de tamanho bastante apreciável”. No Borralhal restam silêncios, amontoados de escombros à boca das galerias e parte de uma vagoneta de minério corroída pelas águas ácidas da mina. Esta era uma mina de cobre. Concessionada em 1953, chegou a ser explorada pela Companhia União Fabril até 1957.

